

## Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3.  
Não se recebem assignaturas por menos  
de seis mezes as quaes serão pagas adianta-  
das.

Toda a correspondencia deve ser diri-  
gida franca de porte, á redacção do FUTURO,  
rua de D. Pedro 5.º n.º 13.

Escreptos mandados á redacção, sejam ou  
não publicados, não serão restituídos; e os  
de responsabilidade devem vir reconhecidos.

# O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Se-  
mestre 600 rs. — Provincias: — Por anno  
1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de  
porte.) Anuncios e correspondencias de  
interesse particular 20 rs. por linha repeti-  
ção 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

[ NÚMERO 139 ]



*Non recedet memoria ejus, et nomen ejus  
requiratur á geneoatione in generationem.*

Jámais se apagará a memoria de suas  
acções, e a gloria de seu nome atravessará  
todos os seculos.

ECCLESIASTIC. cap. 30-13.

Debalde se fatigam os grandes da terra em per-  
petuar seu nome, arrancando-o do olvido do sepulchro.

Em vão trabalham os senhores do mundo por eter-  
nisar a memoria de suas acções, vingando-as das in-  
jurias do tempo.

Nada vale aos conquistadores do universo gravar  
bem fundo no marmore, no bronze, no granito, os  
louros das victorias, já murchas pelas lagrimas dos  
vencidos, para não soffrerem o golpe da morte.

Ah! essas estatuas, esses monumentos, esses ar-  
cos triumphaes, que surgiram um dia nos horisontes  
da vida e pareciam desafiar as injurias do tempo e a  
foice da morte, caíram esmigalhados, como a fragil  
mão que os erguera, porque tinham na base a razão  
da sua ruina!

Só a virtude e o merito abalisado tem um poder  
sobrehumano que os faz sobreviver aos imperios des-  
moronados, ás grandezas decaídas, ás instituições e  
principios modificados.

Por mais que o genio do erro alce a voz, fertil  
em mentiras e calumnias, para rasgar as paginas, em  
que a historia escreveu as mais bellas acções, o mais  
acendrado patriotismo d'esses homens que se votaram  
sempre á felicidade d'um povo, lá está o coração d'es-  
tes, verdadeiro monumento de heroes, para conser-  
var a despeito da inveja, a lembrança de seus nobres  
feitos e perpetuar a memoria e o nome de quem prac-  
ticara tantas virtudes.

¿ Que importa que a baba impura da inveja preten-  
da macular louros, cuja frescura não está exposta ao  
hafo destruidor do tempo?

¿ Que importa que o fel de immerecida vingança  
queira embaciar o brilho d'uma aureola, cujo esplendor  
não póde jámais ser eclipsado?

¿ Que importa que a lava abrasadora de odios in-  
veterados tente consumir trophéos, cuja gloria foi ad-  
quirida á custa dos mais asperos azares?

A immortalidade com todo o seu prestigio, com  
todos os seus encantos, mostrando aos olhos espanta-  
dos dos inimigos do bem, da verdade, do direito,  
da justiça, o dominio indestructivel de seu reinado,  
desfaz os mais arreigados prejuizos, vence as mais  
duras contradicções, anniquilla as mais fortes acusa-  
ções e calumnias. Sentada sobre o tumulo dos reis,  
separa as cinzas de Caligula das de Tito, as de Nerva  
do feroz Domiciano, as de Galba do bom Antonino, as  
do sabio Marco Aurelio do estúpido Otto, e proseguin-  
do n'esta analyse a travez dos seculos que se succe-  
deram, das gerações que passaram, chega ao tumulo  
dos nossos reis e ahí distingue as cinzas d'aquelles  
que tornaram mais celebres os fastos da monarchia  
portugueza com successos memoraveis, dos que, só-  
mente apoiados na ponta das bayonetas e gume das  
espadas, ensanguentaram o solo d'este torrão aben-  
çoado e entornaram no seio d'uma só familia as aguas  
amargas da contradicção e discórdia.

E' este o glorioso destino, diz um eloquente escri-  
ptor, reservado aos benefiteores da humanidade, aos  
salvadores da patria: é esta, tambem, accrescentare-  
mos, nós a corôa immortal, o trophéo indestructivel,  
que o tempo e os homens não podem roubar a um  
rei que fôra amante de seu povo, o Senhor D. Miguel I.  
A historia, a Moral, o Direito já pronunciaram sobre  
este illustre descendente da raça Bragantina a sua ul-  
tima sentença.

A Historia mostranol-o isento da sua indulgencia;  
a Moral apontanol-o como modelo da honra, como pro-  
typo de virtudes sociaes; o direito apresentanol-o co-  
mo verdadeiro rei d'uma nação livre.

Filho obediente da Igreja Catholica, nunca esque-  
ceu seus deveres, quer no meio do esplendor das gran-  
dezas, quer nas amarguras e privações d'um exilio  
immerecido.

Príncipe, verdadeiramente portuguez, rei sincera-  
mente patriota, consagrou todos os dias de sua vida  
em sustentar o deposito sagrado das tradições de

seus maiores. Que o diga a Hispanha quando pedia  
a expulsão de D. Carlos, principe hispanhol, dos do-  
minios portuguezes!

Que o diga a Inglaterra quando exigia que o nos-  
so elemento nacional não preponderasse tanto na re-  
ciprocidade dos interesses commerciaes!

Que o diga a França quando queria que o Rei de  
Portugal se humilhasse diante do colosso estrangeiro,  
Luiz Philippe!

Amante da nação portugueza, e amado pelo seu  
povo, preferiu a queda de sua corôa á perda de sua  
honra e dignidade.

No exilio mesmo, onde o arrojou a inveja, a ma-  
ledicencia e a usurpação, nunca deixou sair de seus  
labios outra palavra que não fosse esta — amo todos  
os portuguezes.

Como o Salvador do mundo, não se queixou de  
seus inimigos, antes por elles orava e implorava do  
Deus das misericordias o perdão para quem ti-  
nhá perpetrado crimes tamanhos.

Abraçado á Cruz, que tantas vezes o confortára  
na prova do calix amargoso, morreu como vivera.

E se alguma coisa accresceu, foi a gloria da im-  
mortalidade no tempo e aos pés do Eterno.

Revive no coração dos portuguezes leaes a me-  
moria de suas acções, a gloria de seu nome perpe-  
tuado na vergonteia illustre d'uma familia respeitada.

Jámais se apagará do nosso coração saudoso os  
seus feitos, jámais quebraremos esta cadeia nunca  
interrompida de tradições gloriosas cujo elo grandioso  
é o Augusto Filho do monarcha que ainda hoje cho-  
ramos.

E se os factos são a mais rigorosa demonstração  
dos principios, ahí estão as supplicas, os suffragios, as  
commemorações d'um povo que, apesar da distancia  
que o separa do dia 14 de novembro de 1871, não  
cessa de testemunhar ante as aras do Senhor, onde  
a mentira é um crime e uma impiedade, o seu af-  
fecto, amor, respeito e homenagem ás virtudes d'um  
Rei que fôra coberto das benções do seu povo, das  
orações da Igreja e das misericordias do Eterno.

## A Divindade de Jesus Christo, ou uma refutação á — Vida de Jesus — de Ernest Renan.

(CONTINUAÇÃO)

O protestantismo desconhece as sublimes virtudes evangélicas — a fé, a esperança e a caridade, e quando os seus ministros pregam estas virtudes não apresentam um unico modelo, porque o proprio clero protestante não põe em practica a caridade evangélica.

Fallemos agora do mahometismo, d'essa amalgama judaico-christã, d'essa religião implantada nos corações pelos interesses materiaes de que era altamente protectora, imposta aos povos pela espada, conservada e propagada pela força bruta, d'essa religião em fins que Mahomet compilou do antigo e novo Testamento. As maximas d'este celebre conquistador, acham-se exaradas no Alcorão que Mahomet dizia, lhe havia sido dado pelo anjo S. Gabriel.

No seu livro inspirado Mahomet nega a trindade, e por consequencia a divindade de Jesus Christo, que só respeita como profeta do Altissimo. Admitte um Deus corporeo, e ordena jejuns e frequentes oblações. Permite a polygamia e promete a seus sequazes um paraíso, onde gosarão mulheres encantadoras, copados e amenos bosques, aguas puras e frescas.

Que melhor meio, que alavanca mais poderosa, que esperanças mais fagueiras podia o inventor d'esta religião escolher para arrastar povos que, como os Arabes, viviam n'um solo esteril e debaixo d'um ceo abrazador? O Islamismo que Mahomet já levar aos povos na ponta da espada com as conquistas arabes, espalhou-se desde a Russia até á China, e com o movimento musulmano atravessou o norte da Africa e penetrou na Hispanha d'onde foi expulso pelos povos da peninsula.

Para sabermos que o mahometismo não é a religião verdadeira a universal, a unica capaz de civilisar os povos basta considerarmos no meio porque foi prégada e nas circunstancias especiaes em que se achavam os arabes quando Mahomet saindo da sua obscuridade lançou os fundamentos ao grande imperio musulmano.

O auctor do Alcorão vivia entre judeus e christãos que andavam sempre em continuas disputas, por isso escolhendo preceitos do antigo e novo Testamento atraia a si os judeus esquecidos da lei de Moysés, e os christãos tibios na té. Além d'isso é sabido que a religião mahometana conta hoje acima de setenta seitas e onde onde ha divisão não pôde haver união, nem força nem verdade.

Podiamos ainda fallar das mysteriosas religiões da India e da China, e das religiões polytheicas da Africa, mas umas e outras não tem exercido papel importante na sociedade moderna, e estou certo que ninguem as querera implantar na nova sociedade para substituirem a lei catholica que tão grandes beneficios tem prestado aos povos.

Fallemos agora do christianismo, da religião angusta que temos a felicidade de professar.

A religião christã cala profundamente no animo de todos. Deixa o homem rude inteiramente convencido pelo seu caracter sobrenatural, que ninguem de bom senso lhe pôde negar: convence o critico com a prova historica: dá ao philosopho materia para se entreter nas suas intrincadas especulações, e dá livre exercicio ao raciocinio.

E' preciso que, penetrado da admiravel economia das provas christãs, dizia um philosopho deista (J. J. Rousseau) que de modo algum pôde ser considerado como suspeito n'esta materia.

Os homens tendo opiniões diversas não se deixam convencer pelos mesmos argumentos. Um deixa-se levar por um genero de provas, outro por generos diferentes. Todos podem concordar nas mesmas cousas, mas é raro que concordem pelos mesmos motivos.

Por tanto, quando Deus dá aos homens uma revelação, que todos são obrigados a crer, é necessario que elle a estabeleça com provas boas para todos, e que, por consequencia, sejam diversas, como diversas são as maneiras de ver d'aquelles que devem adoptal-as.

Por este raciocinio que me parece justo e simples achou-se que Deus dera á missão de seus enviados diversos caracteres que tornassem esta missão sensivel a todos os homens grandes e pequenos, sabios e rudes, philosophos e ignorantes. Aquelle que reconhece todos os caracteres d'esta missão divina é certamente feliz; mas aquelle que não reconhece senão alguns, se elles são sufficientes para o convencerem da verdade, nada tem de que se queixar.

O primeiro mais importante, e mais certo d'estes caracteres é tirado da propria natureza da doutrina, isto é, da sua utilidade, da sua bondade, da sua santidade, da sua verdade, da sua profundidade e de todas as outras qualidades que podem annunciar aos homens as verdades da suprema sabedoria, e os preceitos da infinita bondade. Este caracter é, como já

disse, o mais claro, o mais infallivel: é uma prova que dispensa qualquer outra, mas é a menos facil de verificar, exige para ser conhecida estudo, reflexão, conhecimentos, e discussões de que só são capazes os homens sabios que são instruidos e que sabem raciocinar.

O segundo caracter está nos proprios homens escolhidos por Deus para a sua palavra: sua santidade, sua veracidade, sua justiça, seus costumes puros e sem mancha, suas virtudes inacessiveis ás paixões humanas, são com as qualidades da intelligencia, a razão, o espirito, o saber, a prudencia, outros tantos testemunhos respeitaveis, cuja reunião, se nada ha em contrario, forma uma prova a mais completa a seu favor, mostrando que elles são mais que simples homens. Este caracter serve de preferencia aos homens bons e justos que vêem a verdade onde vêem a justiça, e não ouvem a palavra de Deus senão na bocca da virtude.

O terceiro caracter dos enviados de Deus está n'essa emanção da omnipotencia divina a qual pôde interromper as leis da natureza á sua vontade. Este caracter é sem contradição o mais brilhante dos tres, o mais sensivel, o que mais salta aos olhos, o que exige menos exame e discussão: este caracter affecta principalmente o povo.

E' assim que se expressa o proprio Rousseau, é assim que a verdade mais incontestavel é confirmada pelos seus inimigos, é assim que um deista reconhece e afirma que todos estes caracteres se acham reunidos na revelação christã, de maneira que elles bastam para convencer todos os homens, os sabios, os bons e o povo; todos em summa, excepto os loucos incapazes de razão, e os maus que de nada se querem convencer.

Assim pois, o christianismo tem a dupla vantagem de satisfazer a todos os homens, aos sabios e ignorantes, aos rudes e philosophos, pois que a revelação christã reúne em torno de si uma tão grande somma de argumentos, que ninguem de bom senso poderá duvidar da sua verdade.

O christianismo eleva o homem á sua verdadeira dignidade; satisfaz a todas as necessidades da natureza humana, e ao passo que as outras religiões e especialmente a incredulidade, representada no sr. Renan, deprimem o homem, o christianismo elevando-o acima dos brutos fal-o aspirar a uma eterna felicidade, e representando-o na sua origem a sair das mãos do Creador não sendo mais que um pouco de barro animado pelo sopro do Eterno, ensina-lhe a considerar uma verdade terrivel, mas ao mesmo tempo consoladora, (o homem é pó e ao pó ha-de voltar) porque lhe lembra que esta vida não é mais que a passagem para a eternidade.

O christianismo fazendo d'um pouco de barro animado pelo sopro do Eterno uma creatura que poderá um dia, no seio dos anjos e dos santos, gosar uma felicidade sem limites exalta o homem, não digo bem, torna do barro um homem, um ser immortel. A incredulidade pelo contrario, tirando a humanidade inteira do macaco, faz do homem um macaco, ou peor ainda, porque o homem esquecendo a sua origem toda terrestre tem ousado aspirar a felicidades phantasticas.

Oh! Se o christianismo fosse uma pura invenção, o seu auctor devia ser respeitado como Deus, porque não sendo Deus, fez o que só a intelligencia infinita podia fazer.

Se o christianismo fosse uma illusão um engano, admiravel engano na verdade que dá a ordem, a paz a tranquillidade ao individuo, á familia e á sociedade.

Feliz quem pôde ver, diz o proprio sr. Renan, com os seus olhos, aquelle desabrochar divino, e participar, ainda que só fosse por um dia, tão incomparavel illusão.

Eu não quero fazer uma apologia do christianismo, eu não quero enumerar os beneficios que o christianismo prestou e presta ainda á sociedade, que o diga a historia.

O christianismo nos primeiros tres seculos achou-se n'uma continua lucta com o paganismo, lucta em que mais de quinze milhões de almas receberam a palma do martyrio. O sangue corria a jorros por todos os cantos do imperio, mas fertil sangue era este que fazia crescer e fecundar a viçosa arvore da liberdade. O homem estava corrompido e aviltado, o christianismo levantou-o. O christianismo purgou a velha sociedade dos vicios que a enervavam: libertou o mundo das garras do vicio, da escravidão e da prostituição.

A moral corrompida dos philosophos, ás graciosas imagens da mythologia pagã, á guerra sem treguas aos inimigos oppõe o christianismo a moral mais sublime, e o principio do amor universal: e os sacrificios humanos ordenados pelos antigos oppõe o sacrificio augusto d'um Deus humanado por amor da humanidade.

Ainda mais: o christianismo não só libertou o mundo pagão de seus costumes depravados; mas até quando as hordas tumultuarias de barbaros invadiram o imperio romano conseguiu civilisal-os e trazer-os á verdadeira luz evangélica.

Na idade media ainda o christianismo luctando com elemento barbaro e com o elemento romano pareciam querer reconstruir a velha sociedade, uniu os povos pelos laços da verdadeira egualdade, liberdade e fraternidade; e á idade media, á idade do obscurantismo succede uma nova época para a humanidade, surge a aurora da civilização europea, e as sciencias e as letras, graças ao christianismo, caminham rapidamente na estrada do progresso.

N'esta comparação que fizemos do christianismo com as outras religiões, entendemos que já muito ganha a causa que defendemos, porque indirectamente temos mostrado ao sr. Renan e aos da sua laia que ainda mesmo que a existencia de Deus fosse uma chimera o christianismo devia ser respeitado e conservado pelos grandes beneficios que prestou e presta á sociedade.

O sr. Renan quiz destruir a obra de dezoito seculos: atacou o christianismo pela sua base, e o que os Julianos, os Socinos, os Voltairianos não ousaram fazer fel-o o grande orientalista francez; explicou o grande facto christão que é como elle proprio diz — a revolução pela qual as mais nobres porções da humanidade passaram das antigas religiões designadas com o nome vago de paganismo, para uma religião fundada na unidade divina, na trindade, na encarnação do filho de Deus.

Foi o sr. Renan o primeiro que ousou dar uma explicação, até hoje a incredulidade tem-se limitado a negar, vê em sua frente a obra monumental, que os seculos tem respeitado, que fazer? desenterraram-se os archivos, consultam-se os annaes, formam-se systemas sobre systemas, que por diversos meios tendem ao mesmo fim, profundam-se as sciencias, investiga-se a archeologia, examinam-se os hieroglyphicos; mas tudo foi baldado, o seculo por elles assignalado para a condemnação de Jesus Christo, vem erguer um padrão monumental á grande obra do Galileu.

Nada conseguindo por este lado, diz de si para si o sr. Renan, tentemos um ultimo esforço, é o derradeiro arranco do moribundo) expliquemos a mais assombrosa revolução popular de que ha memoria, tracemos uma imagem de Jesus, e pôde ser que assim se tire do seu throno de gloria o verdadeiro Jesus. Baldado foi ainda este ultimo esforço da incredulidade; pois que, segundo confessam amigos e inimigos, o romance do sr. Renan não se sustenta, não pôde passar pela prova do senso commum e da razão, querendo destruir a fé veio dar-lhe novas forças. Eis aqui o estado da questão: D'um lado o sr. Renan, representando á incredulidade, a dar-nos uma explicação do grande facto social, explicação que ninguem ainda ousou dar, e que por isso maior gloria d'ella tira o auctor. Do outro está o Christianismo como um castello com as portas abertas, que os inimigos tentam tomar, mas que não se atrevem a franquear-lhe as portas, e nem podem fazer-lhe a menor brecha. D'um lado está a grande ideia, do outro os seus adversarios sem armas, porque as que tinham estão inutilizadas. D'um lado está a humanidade em frente da obra monumental de dezoito seculos, do outro está o sr. Renan com a sua explicação a tentar combater, empunhando n'uma das mãos o seu livro, o mais extranho feto da sua imaginação, na outra a mais relinada hypocrisia.

D'um lado está a historia da humanidade a apregoar os immensos beneficios do Christianismo; do outro está o sr. Renan a pedir para todo o genero humano os males que a França soffreu com a revolução do seculo passado. Entremos pois no combate, não nos atemorise a sciencia do sr. Renan porque é vã e vamos a chamar a sua narração, a explicação que elle deu ao tribunal da razão e da historia, e assim conseguiremos apurar ao cambiant mais fino e mais justo do verdadeiro.

## CAPITULO II

## A questão.

O christianismo não é uma pura concepção da intelligencia, é mais, é um facto e o maior de todos, e este facto tem por centro a pessoa de Christo, tal como nol-o apresenta o Evangelho, dizia um escriptor moderno. O Christianismo é um facto do passado e do presente, querer negal-o é querer destruir a credulidade historica.

Negar a existencia de Jesus Christo é ir de encontro com a historia do genero humano. Dizer que elle não foi o promotor da revolução que começou no seculo de Augusto, o auctor do grande facto social, é luctar contra a creença de todos os povos. Negar a sua divindade é deixar sem explicação toda a historia da idade moderna.

Jesus Christo acha-se de tal sorte ligado com a historia do genero humano que é impossivel sem elle querer explicar a grande copia de factos que lhe succederam.

E' pois de grande importancia para o individuo e para a sociedade. Não é uma questão particular que só pertence ao pa-

dre e ao philosopho: é uma questão individual, d'ella está pendente o destino humano e o porvir da humanidade. Jesus Christo é Deus. Se elle é Deus a sua lei e a lei do genero humano, a sua moral e a sua doutrina são as unicas verdadeiras. Se assim é, desgraçados dos hereses e dos infieis rebeldes á sua palavra, desgraçados dos incredulos que conhecendo a luz não a comprehendirão, desgraçados de todos os que se tem rebellado contra a sua doutrina e seguido o estandarte da revolução e da impiedade. Se Jesus Christo é Deus brevemente iremos á sua presença dar-lhe estreitas contas das acções da nossa vida privada e publica. Se é Deus devemos tomar a sua cruz e segui-lo, devemos abraçar com fé viva a doutrina que com seu sangue emanou do Golgotha. Se é Deus e nós não o reconhecermos nem o amarmos como tal diz-nos — ha n'um momento em que pronunciar a sentença eterna da humanidade « não vos conheço ». E pelo contrario se não é Deus, se elle nos illudiu, se illudiu o genero humano, recuperemos a nossa liberdade, demos largas ao vicio, ao crime e á prostituição, sejamos rebeldes á patria, e releveemos os altares dos pagãos.

(Continúa)

M. Martins.

## A republica divina

(Continuação)

III

Só me resta agora pintar um estado — a republica fóra do christianismo. Tendo-vos já exposto n'outra parte por modo tão abundante e, temo-o, tão fatigante, o que é a sociedade do mundo sem Deus e d'onde essa procede, não repetil-o-hei agora.

Quero só recordar-vos um facto. Ha trezentos annos todos os governos e todas as nações christãs, foram-se, um depois do outro, separando-se da unidade e da auctoridade da Igreja Catholica. Digo os governos; não digo o povo.

O povo de toda a Christandade creio-o cheio de fé e quando forem varridos thronos e governos, o povo da Christandade reconstruirá a republica christã.

Não está ainda dissolvido o mundo christão; todos os dias se quebram thronos e sceptros; precipitam-se os governos nos abysmos que elles mesmos abriram; mas os povos christãos permanecem sempre e ha um que os vê e diz: « Tenho compaixão d'esta multidão ». De novo elles reunirão aos seus pés. Mas, ha tres seculos, a acção dos poderes civis, os chefes e governos do mundo tem sido incredula e apostata.

Não era christão por certo o mundo pagão; mas não era apostata; agora o mundo, d'antes christão, tornou-se pagão. « E o ultimo estado é peor que o primeiro ». Vemos com effeito um extranho paradoxo: os poderes civis tornam-se simultaneamente mais absolutos e menos capazes de governar. O Estado foi deificado. Temos de novo a *Roma Dea* e a *Lex Regia* da antiga Roma, mas os verdadeiros principios da obediencia, da legalidade e de balde estão moribundos. Os governos, em propria defeza, são obrigados a rigores, que restringe ou condemna a lei christã. Vemos a multidão do povo turbulenta e excitada pela insubordinação e pela conspiração contra a auctoridade civil. Vemos largamente espalhada a raiva contra toda sombra das leis sagradas da Fé. A obediencia já não é negocio de consciencia, mas de medo, conspiram em segredo os homens contra toda auctoridade collocada acima d'elles.

Cresce a riqueza todos dias nas mãos dos que a possuem; a pobreza envenenada em suas feridas, torna-se todos os dias mais miseravel. Os ricos pretendem ser senhores e donos de seus bens de modo, que, como elles dizem, possam dispor sem limite, nem repressão de sua propriedade. Vemos despovoarem-se logares, demolirem-se casas, arruinaem-se granjas, incendiam-se os tectos sob os quaes viveram os pobres em paz, de geração em geração, com todas as santidades, todas as caridades do lar domestico (1) E tudo porque a vontade da riqueza é a vontade suprema. Vemos o trabalho e o capital em guerra um com o outro. O dinheiro impõe ao trabalho leis intoleraveis. Discursamos sobre o *mercado do trabalho*, como se os homens se comprassem quaes bestas ou escravos. Vemos por outro lado o trabalho, opprimido até o extremo, revoltar-se violento e conspirar nas trevas por destruir os direitos e legaes da propriedade.

Ha indubitavelmente dos dois lados corrupção e injustiça. Mas os homens não são animaes para os mercados, nem moveis para desprezar quando estão usados. Existe um limite para as forças humanas e para as horas do trabalho honesto. Os que trabalham de um a outro crepusculo não tem tempo de ser em casa paes de familia. A *lei dos pobres*, cujo verdadeiro fim seria aliviar a pobreza, faz sempre mais pobres os seus soccorridos. E no entretanto se em Inglaterra não houvera a lei dos pobres (*poor law*) Deus sabe o que seria a nossa povo! Mas o que teve compaixão das multidões por não terem que comer, com

sua Providencia tem-nas alimentado entre nós.

Uma *lei dos pobres* é dever de todo o povo christão, e desgraçado o povo que a abolisse para sempre. Todo homem tem direito a trabalhar ou a ser sustentado; nenhuma communidade pôde fechar as mãos aos indigentes. Nós temos em verdade uma *lei dos pobres*; mas que vemos na administração d'essa lei? Não accuso ninguem; digo só que a execução d'essa lei misericordiosa está confiada aos que, entre todos, tem manifesto interesse em diminuir o mais possivel as sommas destinadas aos pobres.

A administração da lei dos pobres dividu-se em duas partes. Por uma impõe-se ao contribuinte pesado encargo; a outra não soccorre os necessitados segund as precisões. Depois, como consideramos pobre? E' sagrado, enobrecido, honrado entre nós? São os pobres olhados como irmãos em Jesus Christo? São tratados como se fossem representantes de Nosso Divino Mestre? O tempo e as minhas intensões prohibem-me acabar a pintura de nossas casas caridosas (*Workhouses*) e da nossa assistencia official dos pobres.

Voltemos ao nosso actual estado social. Examinemos as condições da moralidade publica. Se enumerasse só as principaes causas da corrupção moral particulares da nossa época, oppor-me-iam, bem o sei, formal desmentido; mas nem por isso estão menos escriptas na memoria divina; vós mesmos as conheceis e as vêsdes com vossos olhos. Onde se acha nesta communidade ingleza, a unidade de fies christãos? Rico e pobre estão separados por largo intervalo; as classes sociaes estão desconjuntadas, como o madeiramento de um navio em naufragio; estão quebradas as sympathias entre os christãos; cada classe vive para si, fortificando-se e podendo-se em defeza contra as outras.

Tal é a condição a que o Estado tende por impulso inevitavel, quando cessou de obedecer á lei de Deus. Bem o sabeis na Europa christã quasi não ha um governo, que não haja declarado que o Estado, em quanto tal, não tem religião. Os povos, considerados como individuos são ainda christãos; os Estados já não o são. Nós, em Inglaterra, não temos, é verdade, feito ainda uma declaração, tão aberta mas para lá caminhamos; e a menos que os homens que estão ao timão do Estado não sejam dirigidos pelo temor de Deus mais que pelo dos homens, ou pelo desejo de popularidade, ou por ambição de poder, nós lá chegavamos e quem, sabe com que pressa! Mas se progredisse entraria assumpto que me propuz evitar. Passemos a outro ponto.

Ha alguns mezes fallando-vos d'este mesmo logar, cahi em um engano.

Dizia que o pretendido liberalismo era o primeiro co-irmão da Communa. Enganei-me no grau de consanguinidade, porque o irremediavel liberalismo é precisamente o *liberalismo*, que rejeita, na ordem politica, a auctoridade da Igreja, a unidade do culto, a unidade de religião e a educação religiosa. Sim, esse é irmão maior da Communa athea, recentemente manifestada em Paris. Deus queira que não possa lançar as raizes n'outra parte!

Eis ahí as mesmas razões: o liberalismo consiste em eliminar do Estado a religião publica; o communismo em eliminar do Estado o governo politico.

Ora os que começam por eliminar o Christianismo, dão o exemplo de eliminar o governo. Eis porque os que eliminam o Christianismo, eliminando a Igreja, eliminam tambem a sociedade sobrenatural fundada por Deus. E os que eliminam o governo, completam a revolta, eliminando a sociedade civil do mundo que Deus estabeleceu na ordem da natureza. Assim o communista é mais logico, mais firme, mais completo em seus argumentos, do que aquelle que se dá o titulo de catholico liberal.

Os homens collocados fóra da unidade da Igreja não tem principios definidos e determinados. Mas — digo-o desde já — Deus deu á sua Igreja uma constituição tão inflexivelmente precisa, que ninguem pôde d'ella desviar-se, e no entretanto insinuou o catholico liberal. Ora, afim de mostrar, como e porque chamo athea a Communa, vou ler-vos algumas palavras tiradas de uma declaração, feita pelo secretario em chefe d'este governo anormal. Esta completa recapitulação de quanto vim a dizer, bastará para vos convencer, que nada tirei da minha imaginação, nem em nada me desviei da verdade. Em uma reunião da communa de Paris, o secretario geral fallou nos termos seguintes coberto de tumultuosos applausos:

«Devemos vencer ou morrer; devemos para chegar ao nosso fim, renegar Deus, familia, patria; subtrahir nossos filhos a estupificantes influencias dos padres, reis das nacionalidades. Negar Deus, proclamar o homem senhor unico e verdadeiro de seus destinos; é matar o padre é abolir a religião. Com effeito e só por negação da Divindade, que nós podemos affirmar o nosso proprio poder e independencia.

A familia, essa regeitamol-a, com qua

o poder temos, em nome da emancipação da raça humana. E' a ideia de fami-

lia, que devemos a servidão de mulher, a ignorancia dos filhos. Estes não pertencem aos paes, mas ao Estado que deve instruir, educar, fazer d'elle o cidadão. Negar a familia, é confirmar mesmo desde o berço, a independencia do homem; é arrancar a mulher á escravidão em que a confirmam os paes e uma civilização apodrecida.

Eis até onde a destruição do Christianismo conduz a ordem civil humana. Essa destruição abole o governo, a familia, o lar domestico, e arremeça a criança á escola publica. Oh! Devem os filhos da Christandade ser filhos das casas dos pobres (Workhouses), creados pelo estado como um rebanho? E o que é a emancipação da mulher?

A degradação, a desmoralisação, o abandono da lei de Jesus Christo, o retorno á situação, em que a mulher se achava na antiguidade pagã, quando era instrumento diverso e preza do homem. Tal é a tendencia da civilização fóra do Christianismo. Em tal estado de coisas, o que são a equaldade, a liberdade, a liberdade, a fraternidade, facilmente se conclue.

O poder anti-christão e anti-social, que por toda parte conspira nas trevas, extendendo os seus exercitos para além de todas as fronteiras e de todos os mares, associando-se por meio de uma organização, vasta como o mundo, em uma unidade de vontade e uma concentração de forças, certo do seu futuro, como de ver amanhã o romper do sol, crescerá ainda até á hora da lucta suprema com o reino de Deus sobre a terra. Já o disse a principio: o Vigario de Jesus Christo está creado, em Roma, por uma revolução anti-christã. Ha por agora uma paragem. Governos e individuos estão em observação para ver, quem dará o primeiro passo. E' como em uma fechadura de tres chaves.

A primeira — que não pôde abrir — seria a guerra européa; a segunda seria a insurreição da revolução anti-christã, que deve destruir a monarchia italiana; a terceira seria juntamente guerra e revolução. Esta ultima saída parece ser a sorte mais provavel e mais incontestavel do porvir.

Disse já estas coisas no domingo do Rosario por ser o nosso dia de oração pelo Vigario de Nosso Senhor. Por meio do Clero, convidai todos os fieis a fazer d'este dia um dia especial de oração! Não basta apenas orar; cumpre trabalhar. E por isso vos chamo a todos e a cada um a estudar, a praticar, uns com os outros e principalmente com os pobres, e a compaignão da fraternidade christã. Depois exhorto-vos a fortificar e a sustentar a auctoridade domestica, a santificar as vossas familias. Em fim supplico-vos que eduqueis vossos filhos e promoveis com todas vossas forças a educação christã dos filhos dos pobres. Aqui está a raiz da questão inteira do homem. A raiz da sociedade é a criança; a sua educação é a primeira obrigação por lei de Deus imposta á sociedade. Bem sabe Satanaz, que se chega a separar a instrução da educação, cortará no mundo as raizes mesmo da civilização christã. Assim todos os artificios, estrategias, fraudes, todas falsas politicas actuaes se encaminham para o que se chamou educação nacional, educação imperial — qual nome quizerdes — meus educação do Christianismo.

(Continúa)

Do nosso prezado amigo o «Catholico Brasileiro» recebemos ainda a seguinte missiva:

III.º sr. redactor do «Futuro»

Segundo o promettido na minha anteriorahi vão mais alguns excerptos sobre a questão maçónica na minha patria.

Hoje são elles de dous discursos, ainda não conhecidos em Portugal, que eu saiba (e bem merecem sel-o). O primeiro é do senador Candido Mendes, um dos mais esforçados athletas do Catholicismo no Brazil. Este discurso, alem do seu merecimento intrinseco, deve excitar a curiosidade dos portuguezes, porque se falla de coisas suas, relativamente a certa loja do Algarve... O segundo do sr. dr. Bezerra, tambem estou certo que não será menos apreciado pelos bons leitores do «Futuro».

Sou etc...

Questão maçónica do Brazil

Discurso do sr. Dr. Candido Mendes nas cortes do Rio de Janeiro.

O sr. Mendes de Almeida: — Chamo portanto, sr. presidente, a attenção do Senado e de todos que se interessam pelo bem publico para as considerações que faz o Bispo de Mogúncia; ha na sociedade christã um adversario que combate peito descoberto.

te do conselho; quanto não ganharia o paiz se S. Exc.ª estudasse com animo recto estas materias, S. Exc.ª que vê duas maçonarias, uma brasileira e outra fóra do paiz!...

Mas, sr. presidente, quero ainda voltar ao aparte do nobre senador pela Bahia, que se assenta d'este lado, a quem muito respeito e aprecio pelas suas luzes e mascula franqueza com que externa suas opiniões ácerca dos Bispos maçons, e ao que eu disse, de que sómente em Portugal, na presente epoca, os havia d'essa especie. Volto a este ponto para consignar um facto interessante para o caso.

O sr. Innocencio Francisco da Silva, distincto litterato portuguez, auctor meretissimo do Dictionario Bibliographico, publicou em 1863 na «Gazeta de Portugal», no numero de 20 de Outubro, um artigo contendo um pomposo elogio a D. Joaquim de Sant'Anna Carvalho, Bispo do Algarve. Era um Bispo, pelo que deduz-se do artigo, quasi á laia de Bemvindo, dos Miseraveis de Victor Hugo; d'esses Bispos boloniamente benzedores, que não se occupam devidamente da sua diocese, que cultivam a virtude da prudencia afim de viverem sómente para si, furtando-se aos incommodos e contrariedades da sua ardua profissão; que não se collocam á frente do rebanho para convenientemente instruí-lo, assignalando as más doutrinas, e sobretudo não defendem como devem defender os pobres de espirito, aquellos que não tem sufficiente instrução para resistir ás argucias e propagação do erro, e que aliás devem ser amparados com o esforço e espirito do seu pastor.

O Prelado do Algarve é melhor typo; Victor Hugo por certo o desconhecia, porquanto talvez não tivesse presente á sua rica imaginação senão os exemplos de Talleyrad, Loménie e outros Bispos que figuraram na revolução franceza e que ficam a perder de vista d'aquelle Prelado. Esse typo portuguez é magnífico! Não tomei na minha obra de Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro senão fracos apontamentos, em uma nota, de que esse Bispo fóra Veneravel da loja Fraternidade de Faro, no Algarve em 1821, quando já funcionava como pastor, sob o nome maçónico de Mirabeau. Ultimamente um jornal d'esta corte deu noticia mais completa do facto e em sentido encomiastico, e d'ella aproveitei-me para esclarecimento d'esta questão.

O veneravel da loja é já conhecido: lerei agora os outros nomes do quadro, 1.º vigilante, Domingos Maria Pavao Peixoto, arceidiago da Sé; 2.º vigilante, Frei Antonio da Paixão, religioso franciscano; orador, Frei Antonio Evangelista Nobre, prior de Albufera; secretario, João José de Mattos, chantre da Sé; thesoureiro, Felipe Joaquim Gonçalves de Sousa, conego da Sé de Faro; chanceller, Joaquim Manoel Rasquinho, conego da Sé; mestre de ceremonias, Francisco de Assis Ferreira, presbytero. Entre os obreiros que adornavam a loja, figuravam diversos ecclesiasticos seculares e regulares!

Um facto d'esta ordem revela toda uma epoca; o proprio clero apostasiando, e crucificando mais uma vez o Redemptor do Mundo! que paiz, que governo, e que clero! eram os fructos genuinos da decadente reforma de Pombal!

Como, sr. presidente, não estava a religião da verdade em Portugal n'aquelle epoca, e ainda hoje?! Era o venerando prelado de Faro, um bispo prudente, moderado, tolerante, o bispo por excellencia benzedor, que se accommodava com tudo, com o seu socego e conforto especialmente, de quem o poder temporal não se queixava, era o mimo das lojas; o bispo que deixava as ovelhas entregues aos lobos, sendo elle talvez o primeiro lobo que as devorava, impedindo-lhes a salvação! Victor Hugo sem duvida não conhecia Bispos de tão fino quilate, senão os da revolução franceza, inclusivé aquelle memorando arcebispo de Paris, Gobel, de que afinal a guilhotina apoderou-se!

Mas, sr. presidente, já é tempo de voltar á questão com o nobre presidente do conselho, de que os apartes me separaram. O exemplo dado por S. Exc.ª representando de grão-mestre em uma associação de doutrina opposta á da religião do Estado, e depois figurando em eleições tempestuosas, disputando-as como grão-mestre, não me parece, sr. presidente, sinto dizel-o, um papel digno do primeiro ministro de uma grande nação.

O sr. Zacarias: — Apoiado, é incompativel. O sr. Mendes de Almeida: — Palmerston era primeiro ministro da Crã-Bretanha, com a vantagem de ser protestante, mas nunca se annunciou como grão-mestre ou patriarcha da maçonaria, apezar de sel-o, e nem foi ás lojas celebrar festas maçónicas, ainda mesmo no interesse de exaltar actos seus praticados como governo!

O sr. Domingos Sarmiento, presidente eleito da Confederação Argentina, quando chegou á Buenos Ayres e quizeram entregar-lhe esse mahlite, esse ramo de jubilo, que tanto encantou ao nobre presidente do conselho na noite de 3 de

Março, peremptoriamente recusou-o. «Vinho, disse elle, occupar melhor lugar, venho desempenhar o cargo de presidente da Republica, para que fui eleito por meus concidadãos sem distincção; não quero aceitar esse outro encargo. (Apoiados)

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — O sr. marquez de Abrantes era ministro era grão-mestre.

O sr. Mendes de Almeida: — Guizot, quando Luiz Felipe começou a reinar, reconheceu que a circumstancia de ser calvinista o inhabilitava para o exercicio de certas funcções no seu paiz: essa circumstancia impediu-o de aceitar o ministerio dos cultos em França inteiramente, por poucos dias, porque não se julgava competente para exercer esse logar em paiz cuja grande maioria era de confissão differente. Este escrúpulo bem entendido honrou-o. O sr. presidente do conselho, pelo contrario, apresenta-se, affrontando a religião do Estado...

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Não apoiado.

O sr. Mendes de Almeida: — ... promovendo uma propaganda contra ella com o seu exemplo.

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — A maçonaria não ataca a religião do Estado e ha muitos annos existe pacificamente neste Imperio.

O sr. Mendes de Almeida: — O seu exemplo foi logo, como era de esperar, imitando por um presidente de provincia. Até então, a maçonaria occupava-se com seus jantares, com suas modestas esmolas, sempre apregoadas, com seus divertimentos carnavalescos, por assim dizer [riso]; com isso vivia e satisfactoriamente, por uma razão; porque a massa das lojas do nosso paiz é em geral composta de estrangeiros, especialmente portuguezes, muito naturalmente, já porque os naturaes do paiz olham para a instituição com indifference, como porque em um paiz que está entregue á maçonaria como Portugal, a mocidade que vem para aqui não procura senão consultar o espelho da patria, tanto mais amada quando distante, reproduzindo com devoção tudo quanto por lá se passa. Ali, sr. presidente, cada partido, ao que parece, tem um grande Oriente e um troço de lojas, todas dedicadas á philanthropia e inspiradas no bem publico; e é por isso que vemos que é um paiz...

O sr. Vieira da Silva: — E' a reacção contra a Inquisição. O sr. Mendes de Almeida: — ... que anda tão cheio de socego, tão isento de inquietudes, que de dous em dous annos ou ha uma revolta ou uma tentativa; talvez nos queiram trazer essas bondades para cá. A maçonaria no Brazil, sr. presidente, como é composta em sua maioria de estrangeiros, vivia n'esses seus divertimentos a que alludi, e deleitava-se com isto. O nobre presidente do conselho, apresentando-se grão mestre da ordem, ou aceitando o encargo, foi dar consistencia politica a esta associação, hoje principalmente que a emulação dividiu a ordem; não que ella não possa vir a ter essa consistencia politica no tempo opportuno, quando os grandes directores do estrangeiro, que dominam na alta loja, queiram operar innovações n'este paiz: porquanto, actualmente, o que se quer é o augmento das lojas e a arregimentação dos operarios, o espirito da seita e o desenvolvimento da propaganda faria o resto. Mas, sr. presidente, ainda não era tempo para taes evoluções; o nobre presidente do conselho foi quem abriu o horizonte: a luta com o principio adverso naturalmente começou. Então juntaram-se por toda a parte as lojas; encetou-se o ataque pelos jornaes e da fórma a mais violenta; a Igreja já soffreu e não pouco no journalismo.

(Continúa)

Noticias de Roma.

Em Roma começou no dia 5 a venda dos bens ecclesiasticos.

— No «Jornal de Florença» lê-se o seguinte:

«Ha aproximações curiosas. N'esta horrivel execução legal das Ordens religiosas, especialmente da Companhia de Jesus, é o conde de Pianciani, sobrinho d'um jesuita alumno dos jesuitas, pertencente a uma familia patricia de Spoleto, conhecida por seu amor para com a Santa Sé, da qual tem recebido imensos beneficios, é o conde Pianciani, digo, que toma a iniciativa n'esta execução, e na parte que lhe cabe no desempenho d'ella leva ao requinte sua malvez de caracter e sua crueldade hypocrita.

Mandou elle á casa professa um homem cuja vista entendeu dever ser em extremo dolorosa aos Padres, e d'isso blazona em presença de seus amigos. Este homem é o descendente do Papa Innocencio XI, cujo nome tem sido por tres seculos lembrado como modelo perfeito de todos as virtudes ecclesiasticas.

O principe Baldassarre Odescalchi não hesita em se apresentar no Gesù, no cumprimento d'uma missão sacrilega. N'aquella casa expirou tambem em 1841 seu tio o cardeal Odescalchi, que abandonara a purpura para a substituir pela roupeta da Companhia, e seu sobrinho, violando tão cara memoria, vae alli notificar a expolição legal, e assistir ao inventario legal.

A junta fez tambem uma escolha intelligente nomeando escrivão para acompanhar o principe Odescalchi um tal Babbio. Este tabellião foi até 1870 ardente amigo dos jesuitas: fóra educado por elles, e merecera sua affeição e estima. Elles são tão faveis de enganar!

Chegado o dia 20 de Setembro, virou a casaca, com grande desgosto de sua familia, e principalmente de seu irmão que é sacerdote e professor no seminario.

— O conde Pianciani, ha pouco nomeado syndico de Roma, tem ás suas ordens toda a guarda nacional. O syndico de Roma é republicano exaltado, e quando queira pôde dispor de mais de 9:000 homens bem armados.

Os jornaes republicanos pedem ao governo uma bateria para a guarda nacional. Ha quem affirme que Minghetti com a nomeação de Pianciani e com e de outros republicanos-ultra para cargos importantes está armando um grande laço á monarchia.

As ultimas noticias de Italia dizem que alli, se bem que occultamente, se trabalha como nunca para deitar por terra a monarchia, e estabelecer a republica. Cremos que infelizmente se não illudem os que receiam mais esta grande desgraça!

Noticias de França.

Foi nomeado para presidente da Assembleia franceza Mr. Buffet; a votação foi quasi unanime e pertence, segundo diz o telegrapho á direita moderada Mr. Buffet foi ministro do Commercio em 1849; formou parte do corpo legislativo do grupo conhecido debaixo do numero dos 45 em 1863 Occupou a pasta da Fazenda no gabinete Olivier e apresentou a sua demissão antes de ser declarada a guerra á Allemanha, a 2 de janeiro de 1870.

Em abril ultimo foi eleito presidente, substituindo Mr. Grevy que tinha pedido a sua demissão. Tem 55 annos.

— Uma carta de Paris datada de 3 para a «Esperanza» explica a situação dos partidos em França nos seguintes termos:

Interessava muito saber o que fariam a direita e a extrema direita. Os deputados d'estes grupos reuniram-se separadamente. Os deputados da extrema direita comprehenderam que a carta do Conde de Chambord fazia difficil a sua restauração nas drozentas circumstancias. Queriam salvação, menos o principio monarchico, e como melhor meio, lembraram-se nomear um logar-tenente-general do reino que governasse na ausencia do Rei. E já que o Conde de Paris é considerado como legitimo herdeiro do Conde de Chambord assentaram que não podia ser logar-tenente-general. Por tanto offerecera esse alto posto ao duque de Nemours e ao principe Joinville, os quaes se apressaram a dizer que não acceptavam tão honrosa distincção. Ambos manifestaram que não accederiam nunca a desempenhar tal papel que parecia pôr obstaculos aos direitos do chefe de sua familia.

Então, a reunião da extrema direita julgou, como unica solução possivel, a prorrogação dos poderes ao marechal Mac-Mahon. Não pôde accordar-se a respeito do tempo pelo qual havia de ser concedida a prorrogação. A reunião, porém, pareceu inclinar-se a que não se fizesse designação alguma de periodo de tempo, isto é, que continuasse o statu quo.

Entretanto a bandeira reunida sob a presidencia de Mr. Say adoptava a ideia de prorogar os ditos poderes por um determinado periodo de tempo.

desta sorte a extrema direita, a direita e o centro direito estão d'accordo para recomendar a nossa eleição. Para dar-se conta da verdadeira situação em que nos encontramos, convém agora examinar os projectos:

- 1.º Da reunião Pradier (conservadores puros).
2.º Dos bonapartistas.
3.º Do centro esquerdo.
4.º Da esquerda.
5.º Da extrema esquerda.
6.º e ultimo. Do governo.

A adhesão dos bonapartistas parece muito provavel.

Na reunião que ante-hontem á noite teve o centro esquerdo, a questão da prorrogação dos poderes discutiu-se com muita viveza. Fizeram-se alguns protestos. E' facil porém, apresentar que varios deputados d'este grupo votarão com a maioria.

Emquanto á esquerda e á extrema esquerda occorre um facto curioso. Quando os projectos da restauração monarchica pareciam proximos a attingir o fim, a esquerda insistia na prorrogação dos poderes do marechal. Desde que a situação se mudou, os republicanos atacam este projecto. Pôde contar-se que votarão contra.

Em resumo, dada a situação presente,

parece que a prorrogação dos poderes do marechal Mac-Mahon terá a favor, a extrema direita, a direita, o centro direito, os bonapartistas, o grupo Pradier, e uma parte do centro esquerdo. Terá contra uma parte do centro esquerdo, a esquerda e a extrema esquerda.

D'este modo pôde contar-se com 450 a 500 votos.

Da Correspondencia: Trabalha-se com muita actividade na fundição de fundição de canhões que os carlistas estabeleceram em Arratia.

—A facção Aznar, d'uns 300 homens apresentou-se hontem em Munera (Albacete).

—Do Imparcial, de 9: Com referencia a noticias de Mequinensa, a facção commandada por Segarra e Vallés entrou em Zarolo, onde permaneciam hontem de manhã.

—Hontem de madrugada passou a facção de Villalain pelo termo de Villaseca; ás 12 da noite entrou entrou em Argencilla, saindo depois pelo caminho de Brihuega, levando um cavallo e 1:200 reales, e logo de Tela outro cavallo e 4 600 reales.

—Andechaga seguia hontem em Arizorriaga. Nomeado commandante general inferno de Biscaia, fixou o seu quartel general no dito ponto, por lhe parecer mais estrategico para seus planos.

Noticias da Allemanha

As noticias que continuam chegando da Allemanha dizem que a situação dos bispos catholicos, em logar de melhorar peora.

A Allemanha tem 14 milhões de catholicos pouco mais ou menos, que constituem a terça parte da população do imperio.

Os catholicos estão unidos a seus bispos; edificam-se e animam-se com a firmeza dos Prelados perseguidos; as publicações catholicas mórmente relativas á perseguição diffundem-se aos milhares, e os fieis e Pastores, não fallando na força material que tem e da qual não poderão nunca fazer uso, se não em occasião de uma outra guerra com a Allemanha, vão ganhando uma força moral impotente.

Ninguem pôde prever o desenlace de esta questão religiosa, mas uma das partes ha de necessariamente quebrar por si mais tarde ou mais cedo. Ora os catholicos com seus bispos não se rendem; da parte do governo está só a força material; pôde continuar a perseguir, mas se não sobrestiver na perseguição, tempo virá em que soffrerá as fataes consequências de sua errada politica, motivada só no odio mortal que tem ao catholicismo.

A respeito da perseguição de que na Allemanha são victimas os Prelados catholicos escrevem do gran-ducado de Posen á «Correspondence de Génova» o seguinte:

«Vou contar-lhe um caso que faz conjecturar que Pio IX tinha ha muito uma especie de instituição prophetica sobre o que esperava nosso arcebispo. Quando este ultimo foi preconizado, não só não havia entre Roma e Berlin sombra de divergencia, mas até as relações entre a Prussia e o Papa eram quasi cordaes.

Na occasião em que o novo arcebispo se despedia do Santo Padre, para dirigir-se á sua diocese, Pio IX lhe diz: «Tenho uma lembrança para vos dar»: e deitou-lhe ao pescoço uma cadeia d'ouro com uma cruz peitoral. Estas duas joias eram duas reliquias.

Eram a cadeia e a cruz do primeiro arcebispo exilado por defender seu rebanho pelos piemontezes revolucionarios, da primeira victima sacrificada á fatal unida-de italiana, Monsenhor Franzoni.

Essa cruz e essa cadeia foram offerecidas ao arcebispo pelos catholicos do mundo inteiro.

Quando falleceu no exilio, a familia do santo prelado perseguido mandou-a ao Papa. Logo depois, Pis IX, parecendo presentir o que succederia um dia, deitava ao pescoço do futuro confessor as insignias que havia trazido aquell'outro confessor que Deus acabava de coroar.

Este acto do Summo Pontifice parece ter o alcance d'uma predição.

Mas não foi esta só vez que Mons. Ledochowski recebem presentes propheticos. O anel que elle traz no dedo é o do heróico bispo de Augustowa, conde de Lubinski, fallecido na idade de 42 annos, no caminho de Siberia, e que segundo indicios certissimos, morreu envenenado pelos esbirros russos que o levavam ao exilio.

A cruz de Mons. Franzoni, o anel de Mons. Lubinski não podiam ter mais digno herdeiro do que Mons. Ledochowski. Sem hesitar, elle seguirá no caminho do martyrio estes dous modelos, porque tem como elles a alma do verdadeiro pastor que sabe, que dá, se é necessario, a vida por seu rebanho, mas que se sustenta intrepidamente no posto do zelo e do dever».

Noticias de Hispanha.

Noticias do norte d'Hispanha. — As folhas dão-nos a noticia de que o general Moriones fizera um movimento combiado sobre as forças carlistas debaixo do commando de D. Carlos. Esperemos alguns dias, e teremos mais um desengano de que as fanfarronadas de Moriones não foram mais do que uma derrota para as forças republicanas, que, segundo os dados officiaes, nas provincias do norte são 27:000 homens. Os carlistas contam nas mesmas provincias, um exercito de 26:000 homens compostos de 8 mil navarros, 6 mil guipuzcoanos, 4 mil alavezes, e 2 mil castelhanos; tudo tropa muito disciplinada, aguerrida e entusiasmada com o seu rei á testa, e demais d'isso possuida de sentimentos religiosos.

Sabemos por pessoa occular que no dia 3, o 3.º batalhão castelhano tendo precedido as competentes confissões fez uma communhão geral para suffragar as almas de seus companheiros, mortos na campanha.

Ahi vai o que encontramos em algumas folhas: Da Correspondencia, de 7: O cabecilha Santés encontrava-se hontem no povo de Gatoba.

—Uma partida carlista queimou os livros do registo civil em Alboraya (Valencia).

—A columna de Reus, que foi atacada pelos carlistas ao mando de Mora e outros, pôde rechazar estes, causando-lhe quatro mortos e dous feridos.

—Em Molina de Aragón penetrou uma partida carlista, obrigando os habitantes a rezarem o rosario na praça publica. Entre elles achava-se o conhecido artista D. Tirso Obregon.

Durante o rosario cobraram um trimestre de contribuição.

—Do Imparcial: A partida que penetrou na serra de Ubeda dirigiu-se a Villarodrigo, internando-se em Albaceta, accossada pelas tropas.

—Hontem não chegou a Castellon o correio de Valencia, crendo-se que haja caído em poder dos carlistas.

—Em Prats de Molloy ha internados 2 officiaes e 160 soldados prisioneiros feitos pelos carlistas em Pradés.

—Logo que chegue a Bilbao o general Castillo far-se-ha n'aquella capital a declaração do estado de guerra.

—Do periodico ministerial a Republica: As Iseções do Baixo-Aragão no Maestrazgo se hão concentrado em Morella, praça, que, no dizer d'alguns estão atacando, e segundo outros intentam atacar para destruir as columnas do general Santa Pau e do brigadeiro Arrando.

O general Santa Pau encontra-se em marcha para aquella cidade.

Segundo as cifras officiaes, todos os carlistas do Baixo Aragón e Maestrazgo sommam 7:000 homens. Segundo as cifras da mesma origem, Santa Pau leva 2:000.

—Da Correspondencia: Segundo os telegrammas os officiaes, n'estes momentos deve ferir-se uma grande batalha no norte, posto que se ouvia clara e distintamente um nutrido fogo d'artilleria e fusilaria para a parte de Dicastillo.

—Do Gobierno: Principiou uma grande batalha nos arredores d'Estella entre as tropas do general Moriones e as forças carlistas.

A Correspondencia acrescenta: «A hora de entrar no prélo o nosso numero, o governo, ainda não recebeu noticias da batalha que se está dando no norte.

—Das «Provincias» de Valencia: Todas as noticias que se recebem de Chelva, provam o cuidado com que o cabecilha Santés procura fazer d'aquella villa o centro de seu governo e de suas operações, reunindo n'ella recursos e elementos de guerra.

Dizem-nos que não só tem armas e munições muito trigo, cevada e armas, mas que em seu sistema de converter os habitantes em depositarios do que havia de embarçar a sua liberdade, quando voltou da sua excursão a Cuenea entregou a 3 maiores contribuintes, que sem duvida lhe inspiravam mais confiança, uma enorme somma de muitos mil duros, que fazem subir a 80:000.

Tem além d'isso um forte deposito de tabaco, e obriga aos estaqueiros dos povos que domina a ir proverem-se a Chelva d'este artigo, estabelecendo, por sua conta, a renda de estancados; e sem duvida não o satisfaz a competencia e o procedimento do sr. Montoya, chefe da administração economica d'esta provincia, pelo que o destituiu em seus estados nomeando outro administrador geral.

Tambem se diz que nomeou pagador geral de seu districto ao registor da propriedade em Chelva.

Viageiros d'aquella comarca ouviram contar que Santés recebeu com muito agradecimento uma bandeira bordada, que se assegura procedia de Liria.

—Do Diario Espanhol: O governador de Vitoria participa ao ministro do governo que a facção Mañaria, forte de 500

homens, occupava hontem os povos de Tuyo, Nuvilas e Pulia, tres leguas d'esta cidade.

—Outra facção encontrava-se em Salvatierra, composta de mil homens: obedece, sem duvida este movimento á ordem d'Estella para refazerem-se de viveres de boca, de que carecem.

—Na manhã de hontem encontrava-se no povo de Jativa (Valencia), o cabecilha Santés com uns 4 mil homens.

O cabecilha Arnau pernoitou hontem em Alcubles.

Da carta de Madrid para o Direito:

Madrid 8 de novembro de 1873

Os momentos em que escrevo são de impaciencia geral, de terrivel ansiedade.

Os batalhões navarreses e alavezes, uma divisão biscainha e dous batalhões guipuzcoanos foram atacados hontem nas posições que occupavam desde Usbida a Arroniz pelo cabecilha Moriones, ignorando-se n'este momento o resultado definitivo da batalha, apesar de que tudo parece indicar que os batalhões liberaes tiveram que ceder deante da bravura dos carlistas. O governo publicou os seguintes telegrammas:

Ao senhor ministro da Guerra

«Tafalla. Passageiros chegados de Pamplona dizem que d'esde o sitio das Campanhas se ouvem tiros ao parecer de peça, e segundo um medico de Dicastillo que acaba de chegar, rompeu-se fogo em Oteiza a cousa de seis horas da manhã, perdendo-se o ruido da artilheria ás 12 e 30, a cuja hora se deixou d'ouvir em Tafalla.»

O alcaide de Tafalla ao ministerio da governação.

«Aberto o fogo de fuzilaria e canhão ás 6 e meia horas da manhã pelas tropas, um pouco além de Oteiza, na direcção de Estella, até ás duas horas se ouviu d'aqui.»

A Gaceta acrescenta que ás 3 e meia ainda se ouvia fogo em Tafalla e que Primo de Rivera da povoação de Torres annunciou que uns mil carlistas passaram para S. Gregorio. Segundo uma parte ouviu-se fogo em Tafalla até ás 12 horas, e segundo outra parte até ás 3 e meia. Podem haver maiores contradicções? O que é verdade é que o governo, ou não sabe o que hade dizer, ou recebeu noticias desfavoraveis para Moriones e quer entreter a opinião publica com partes absurdas e que na realidade nada dizem.

Nos circulos politicos pensa-se geralmente que Moriones soffreu uma esportosa derrota, que o governo trata d'esconder cuidadosamente, como se o tempo não se encarregasse de decifrar-nos o que ha de verdade em tudo isto.

Falla-se com insistencia de uma grande derrota soffrida por Loma. Parece que o general Lizarraga lhe causou mais de 200 baixas e fez-lhe uns 600 prisioneiros. Tambem se diz nos circulos politicos que Vallés, Segarra, Polo, Cocala e outros chefes, á frente de 7 mil homens, tomaram a inexpugnavel praça forte de Morella, que tamanho papel representou na passada guerra civil.

A Gaceta conta hoje o seguinte: «O commandante capitão da guarda civil sr. Gonzales, perseguindo a facção Sabarriegos, que contra-marchou de Guadalupe, alcançou-a em Retamoso, e desalojando-a das posições que tinha tomado a fez fugir para os arrabaldes da povoação. Na planície conseguiu o inimigo refazer-se e sustentar durante duas horas um vivo fogo, até que atacado vigorosamente se debandou em varios grupos, levando tres mortos e deixando um cavallo morto e outros dispersos sem cavalheiros.

O grupo mais numeroso dirigiu-se a Deleitosa, onde celebrou funeraes pelo cabecilha D. Vicente Sabarriegos, enternou o seu cadaver e mandou passar a certidão do enterro, levando uma copia.»

Consta-me que isto é completamente falso, pois os carlistas alcançaram uma brilhante victoria, dispersando a facção Gonzales e tomando-lhe 12 prisioneiros, armas, uma botica de campanha e algumas mantas.

Na Catalonha continuam estreitamente bloqueadas as povoações de Manreza, Berga, Santa Coloma de Queralt e outras.

Em opposição ás medidas do intuito do governo, os carlistas tambem adoptaram as suas na provincia de Gerona.

Pela intendencia geral que está organizada em todas as povoações dirigiram-se officios aos alcaides dos povos, marcando-lhes a forma como haode effectuar a repartição da contribuição imposta aos liberaes. Tambem se mandou que esta contribuição fosse paga em alguns pontos, na casa do professor d'instrucção primaria.

Por um terceiro documento, que é um bando do general Saballs, estabeleceu-se o referido imposto onde fôr decretada pelo governo da republica a contribuição de guerra aos carlistas. Para a execução do bando do general consideram-se liberaes,

1.º—A todos os que o governo da republica tenha eximido do pagamento da contribuição de guerra na provincia, cidade, villa ou aldeia onde haja sido imposta.

2.º—Todos os que tenham pago voluntariamente essa contribuição ao governo e não hajam sido obrigados por força maior, satisfarão ao Thesouro Real, na qualidade de multa, uma quantia igual áquella.

Finalmente appareceu um quarto documento, ou outro bando contra a imprensa liberal, que é o seguinte:

«D. Francisco Saballs, marquez de Alpens, marechal de campo dos reaes exercitos, commandante general das provincias de Borellona e Gerona, cavalleiro e grã cruz da ordem americana de Izabel a Catholica, etc. etc.

Ordeno e mando: Art. 1.º—Ficam terminantemente prohibidas a circulação e venda dos periodicos liberaes de todas as côres.

Art. 2.º—A infracção do anterior artigo será castigada com multa de 2 a 4 duros aos impressores, 500 a 1.000 duros aos administradores de correios, e aos particulares a quem forem encontrados periodicos liberaes se exigirá uma multa de 100 a 1.000 duros. Os correspondentes e redactores prisioneiros ou detidos serão castigados com multa de 100 a 4:000 duros, e no caso de reincidencia submettidos a conselho de guerra.

Os jornaes que recebemos narram as contradicções que se notam nas partes officiaes recebidas pelo governo acerca do fogo que se ouvia para Estella.

Diz a Reconquista: «Observa-se uma pequena contradicção nas duas partes. A primeira diz que o fogo deixou de ouvir-se em Tafalla ás 12 e meia da manhã; a segunda diz que se esteve ouvindo n'aquelle ponto até ás duas da tarde.

Por ultimo, para não dar razão a um nem a outro, Castellar disse que não se ouvia; que não deixou de ouvir-se ás 12 e meia nem ás 2, mas ás 3 e meia.

Quanto ás noticias posteriores, não sabemos que é o que poderão dizer quando o governo tomou a gravissima resolução que denuncia estas duas noticias, a primeira do «Ecco d'Hispanha» e a segunda do «Imparcial»:

«Desde á noite deixaram de facilitar-se noticias aos jornalistas no ministerio da governação; assim o fez saber um empregado do proprio centro ás 2 horas e um quarto da madrugada d'hoje.

Hoje, ás tres horas da tarde, ha reunião dos directores por convite do sr. Maissonnave, com o fim sem duvida de fazer-lhes igual communicação.»

«A' noite fez-se saber aos jornalistas que concorrem ao ministerio da governação para saber noticias officiaes, que o sr. Maissonnave tinha decidido suspender esta concessão feita aos periodicos da capital.

Sem duvida esta medida deverá ter relações com o convite dirigido a todos os directores de jornaes, e que recebemos tambem para concorrer hoje ás 3 horas da tarde ao gabinete do sr. ministro mencionado.»

SECÇÃO NOTICIOSA

ASSOCIAÇÃO CATHOLICA.

Festividade, e Academia religiosa.

A Junta directora da Associação Catholica dá conhecimento a todos os dignos socios e associadas, que resolveu fazer a festividade da sua Padroeira a Virgem Immaculada na igreja do Carmo no dia 8 de Dezembro, unindo-se, para este fim aos devotos que alli costumam celebrar a mesma solemnidade, e auxiliando-os da maneira que possa.

A festividade será precedida de uma novena a voses e orgão e com exposição do SS. Sacramento no altar, e praticas nos ultimos tres dias; e á missa solemne da festividade haverá communhão geral dos associados.

A Junta Directora previne desde já todos os associados, e os convida a assistirem á novena que hade começar no dia 29 do corrente, pelas 3 horas da tarde; e a prepararem-se dignamente para a celebração de tão grande solemnidade.

Lembra igualmente a todos os associados que estando a Associação Catholica d'esta cidade aggregada espiritualmente á do Porto, e gosando, por conseguinte, das mesmas graças a esta concedidas pelo Rescripto Apostolico do SS. Padre Pio IX, poderão os socios, que no dia da Immaculada Conceição, desde as primeiras vespers, confessados e fortalecidos pela Sagrada Communhão, visitarem a igreja do Carmo (que foi a designada por Sua Ex.ª Rev.ª o sr. Ascebispo Primaz), e n'ella orarem a Deus pela concordia dos principes christãos, pela extirpação das heresias, e pela exaltação da Santa Madre Igreja, ganhar indulgencia plenaria, e remissão de seus peccados, como consta do mesmo Rescripto.

Para augmentar o esplendor e jubilo d'este dia, determinou a mesma Junta

Directora fazer uma solemne Academia religiosa na casa da Associação, pelas 7 horas da noite, para a qual convoca todos os associados d'um e outro sexo, os quaes devem munir-se d'uma cedula ou bilhete que desde o primeiro dia da novena se poderá procurar na residencia do thesoureiro, o sr. José Cardoso da Silva Guimarães.

Além das associadas terão ingresso á Academia até duas pessoas do sexo feminino pertencentes a familia de cada um dos socios.

O secretario

P.º João Antonio Velloso.

Fallecimento.—Falleceu hontem repentinamente o sr. Appario Castiço, irmão do respeitavel cavalheiro e nosso amigo, o sr. Fernando Castiço.

Damos os nossos pesames a toda a familia do finado, acompanhando-a na dor de tão irreparavel perda.

Outro.—Falleceu ha dias em Vianna a ex.ª sr.ª marqueza de Terena, avó do ex.º conde de Bertandies.

A illustre finada pertencia ás primeiras nobrezas de Portugal.

Contava mais de 90 annos d'idade e era senhora de altas virtudes.

Damos cordeas pezames a seu nete e familia.

Uma peça monstro.—De S. Petersburgo mandaram á exposição de Vienna uma peça que em peso e grandeza excede as tão famigeradas de Krupp.

E' d'aço fundido, carregando pela culatra, e reforçada com 3 aneis forjados a quente. Pesa 890 kilos, tem 22 pés de comprimento, 4 de diametro na culatra, e 10 polegadas e meia de calibre. Foi transportada em duas carruagens de ferro com tres eixos, expressamente construidos para ella.

Metralhadora de mão.—Sylvestre Kruka, o celebre fabricante de bocas de fogo na Russia, enviou á exposição de Vienna um specimen d'uma invenção nova a que elle deu o nome de Kruka Pulomel.

Esta arma é d'uma construcção muito simples, e facilmente transportavel por um homem. Affirma o inventor que o machinismo é menos complicado que o do fuzil Weondl, e tem uma extrema rapidez no tiro, carregando-se facilmente. Recomenda-a principalmente para a arma de cavallaria.

A emigração.—235 moços allemães que se dispunham a emigrar para a America, foram citados pelo tribunal de Colonia e condemnados só por isso na multa de 50 thalers cada um.

Que amor ás artes! — Na typographia do Estado em Haya está servindo de compositor o principe japonex Macao, Daimo de primeira classe, enviado á Europa pelo imperador para aprender a fundo a arte typographica em todos os seus ramos. E dizem os jornaes que o principe trabalha como se a imprensa fosse o seu ganha pão!

Condução de Petrelio.—Alguns abastados capitalistas da Pensilvania intentam a colossal empresa de construir por meio de tubos subterraneos e bombas hydraulicas mui fortes um vasto conducto de petrelio, desde as nascentes até Philadelphia, logar do embarque; poupando assim os enormes gastos do transporte por via-ferrea.

Liberdade liberal.—O ministerio da Baviera, para comprazer ao de Berlim, prohibiu a qualquer bávaro entrar no Collegio Germanico de Roma ou em outra escola de theologia na mesma cidade. E' um ministerio liberal. Que liberdade!!

A legação italiana.—Dizem de Berlim que a legação italiana, n'aquella côrte não será elevada ao grão de embaixada, como se havia sussurrado por alguns jornaes.

Cortejem-se estas duas datas.—No dia 2 de Outubro de 1870, os liberaes matreiros e os liberaes papalvos corriam as ruas de Roma com os bilhetes do plebiscito que diziam sim; no dia 2 de Outubro de 1873, não appareceu em Roma mais do que um bilhete a dizer sim, e este sim pendurado na tromba do elephante de marmore que sustenta o obelisco na praça da Minerva, a qual tromba parece apontar para um logar muito indecoroso.

EXPEDIENTE

O escriptorio d'administração d'este jornal é na typographia Luzitana n.º 3, rua Nova, para onde devem ser remetidas as assignaturas e seus pagamentos.

Tudo o que diz respeito á redacção deve ser remettido para casa do redactor— rua de D. Pedro V n.º 13.

O correspondente do Futuro em Guimarães, é o proprietario da Livraria Internacional o Ill.º Sr. José Antonio Teixeira de Freitas, a quem deve ser saísseito o importe das assignaturas d'aquella localidade, e de mais assignantes a quem convier.

SAUDE A TODOS por meio da deliciosa farinha salutar a Revalesciere du Barry de Londres. (Vendida actualmente tostada, não necessita mais que um ou dois minutos de cozimento.)

Extracto de um artigo do periodico de Paris—Le Siecle:

«O governo inglez decretou que se de um premio muito bem merecido de 125:000 francos ao sr. doutor Livingston, pelos seus descobrimentos importantes na Africa. O celebre explorador que esteve dezeseis annos entre os habitantes de Oeste d'aquelle paiz (provincia d'Angola), communicou á real sociedade, promenero muito interessantes e curiosos acerca das condições moraes e physicas d'esses povos felizes e favorecidos da natureza.

«Sustentam-se da planta mais benéfica que produz essa terra fértil, a Revalesciere, elles se vêem isentos das enfermidades, mais terribes que podem atormentar a humanidade, taes como a tísica (consumpção), tosse, asthma, jindigestão, gastrites, cancro, estremitamento e enfermidades dos nervos que desconhecem completamente.

BARRY DU BARRY & C.ª, praça Vendôme, 26, Paris.—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 rs; kil. 1\$400 réis; 2 1/2 kil. 3\$200 réis; 6 kil. 6\$400 réis; 12 kil. 12\$000.

A Revalesciere chocolateada du Barry tem pofinissimo alimento, sumamente substancial, que fortifica o estomago, os nervos e as carnes, sem causar dores de cabeça nem febres, nem nenhum dos demais inconvenientes produzidos pelos chocolates usualmente empregados. Em pó, em caixas de 12 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas, 800 rs; de 48 chavenas, 1\$400 réis; de 120 chavenas, 3\$200 réis, ou 2\$ réis por chavena.

BARRY DU BARRY & C.ª, praça Vendôme, 26, Paris.—Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 réis; 1 kil. 1\$400 réis; 2 1/2 kil. 3\$200 réis; 6 kil. 6\$400 rs.; 12 kil. 12\$000.

Em pó, em caixas de 12 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas 800 réis; de 48 chavenas, 1\$400 réis; de 120 chavenas, 3\$200 réis, ou 2\$ réis por chavena.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Augusta 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Banharia, Viuva Desire Rahir, rua de Ceifeite 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Afonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres,—Povoá do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em Pernambuco, Ferreira, Maia & C.ª, rua Duque de Caxias (D)

FOLHINHAS BENEDICTINAS

Acham-se á venda, para o anno de 1874, no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3, no Porto na casa costumada. Preço 240.

ORAÇÃO GRATULATORIA

Que no solemne Te-Deum celebrado na Santa Sé Primacial de Braga, pelo faustissimo 27.º anniversario pontifical do SS. Padre Pio IX, no dia 21 de Junho de 1873, pronunciou o presbytero José Vieira de Sousa Coutinho, abade de S. Silvestre de Requião.

Vende-se no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3; rua do Souto na Livraria Catholica, Germano, Bracarense, e Chardron. Guimarães na Livraria do Sr. Freitas, a S. Damazo, e nas mais do costume. Preço 60 rs.

AGENCIA EM MACAU

Caldeira & C.ª

Tem estabelecimento na rua Central, n.º 28, aceita consignações, e incumbese de negocios nas repartições publicas e no foro judicial, e de transferencias de dinheiro entre Portugal, Macau, Hong-Kong e outros portos da China.

Dão-se informações, em Lisboa, rua Augusta 95, e no Porto, rua da Fabrica 27 a 31.